

PIXAIM, DE CRISTIANE SOBRAL: DESPERTANDO LEITORES E DISCUTINDO A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO NEGRO

Clarice Dantas da Silva ¹
Joelson Francisco Gomes ²
Luciene da Silva Santos ³
Eduardo Henrique Cirilo Valones ⁴

RESUMO

A escola é um dos principais espaços sociais e formativos que permite o encontro com as diversidades coletivas e políticas. Nela, compartilhamos conhecimentos, construímos saberes e, acima de tudo, desconstruímos preconceitos e concepções estereotipadas, principalmente, no que tange a cultura e identidade negra observados no cotidiano de nossa sociedade. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo discutir acerca da construção identitária do negro apresentada no conto *Pixaim*, de Cristiane Sobral (2011) a partir da perspectiva do letramento literário. Assim, buscamos propor um plano de atividade que visa contribuir com a ressignificação da leitura do texto literário em sala de aula, especificamente para o 9º ano do ensino fundamental. Para tanto, tomamos como base os pressupostos teóricos de Colomer (2007), Cosson (2014), Dalcastagnè (2008), Soares (2009), entre outros. Desse modo, constatamos que o letramento literário contribui para o aguçar do senso crítico-reflexivo do discente, tendo em vista que as compreensões desenvolvidas não servirão apenas no contexto escolar. sobretudo, no social, pois a literatura, adequada às práticas sociais, propicia ao alunado o processo de humanização e compreensão da função social do texto literário e, por conseguinte, aprimora a valorização da identidade negra que, infelizmente, ainda é tão marginalizada socialmente.

Palavras-chave: Escola, Identidade negra, Letramento literário.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira, mesmo diante dos avanços sócio-históricos, é composta por uma gama diversificada de sujeitos que ainda usam de discursos preconceituosos disseminando inverdades que acabam desfavorecendo a construção identitária do negro. Dito isso, mesmo a população negra compondo a maior parcela da nossa sociedade, observamos que ela

¹Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, claricedantasesilva@gmail.com;

²Graduando do Curso de Letras Português da Estadual da Paraíba - UEPB, jgomesfrancisco@hotmail.com;

³Graduanda do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, luciene.santos@aluno.uepb.edu.br;

⁴Professor orientador, Doutor em Literatura no Curso de Letras, Campus III, CH, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, eduardo.valones@hotmail.com.

corresponde a classe menos prestigiada, seja pela cor, religião, cultura, entre outras características que compõem a sua identidade.

Por conseguinte, a escolha dessa temática justifica-se pelo fato de acreditarmos que o ensino de literatura pode ampliar o conhecimento dos alunos, uma vez que a diversidade literária confronta as limitações que os discentes apresentam. O trabalho de mostrar as possibilidades literárias estimula o agir social fazendo o aluno se questionar e dialogar com o texto literário e o mundo ao qual ele vive.

Nesse viés, objetivamos, neste trabalho, discutir acerca da construção identitária do negro apresentada no conto *Pixaim*, de Cristiane Sobral (2011) a partir da perspectiva do letramento literário. Para tanto, tomamos como base os pressupostos teóricos de Colomer (2007), Cosson (2014), Dalcastagnè (2008), Soares (2009), entre outros.

Metodologicamente, quanto à abordagem, esta pesquisa se classifica como qualitativa, tendo em vista que “[...] há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. (PRODANOV, 2013, p. 70). Além disso, traduz-se como uma pesquisa de caráter propositivo tendo em vista que propomos um plano de atividade para as turmas de 9º anos do ensino fundamental.

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em cinco unidades retóricas, as quais seguem à seguinte ordem: inicialmente, discutimos sobre o despertar dos leitores no ambiente escolar. Logo após, tecemos análises reflexões sobre o conto em estudo, posteriormente, sugerimos uma proposta de atividade que visa contribuir para realização do letramento literário. Por fim, apresentamos algumas considerações acerca do estudo e as referências bibliográficas.

Diante disso, constatamos que a literatura é uma fonte primordial de promoção e despertar da conscientização humanizadora do que somos e representamos no (e sobre) o mundo. Ademais, o ambiente escolar tem o fundamental papel de desenvolver práticas educativas que promovam, aos discentes, habilidades necessárias, para se portar nas mais diversas práticas em sociedade de forma respeitosa e democrática.

DESPERTANDO LEITORES NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA PRÁTICA SOCIAL E POLÍTICA

A formação de leitores é uma das muitas atribuições da escola. A leitura nos proporciona estarmos conectados com novos horizontes, por meio dela temos acesso às informações, enriquecemos nosso conhecimento e soltamos nossa imaginação o que nos permite ter mais

criatividade e um melhor dinamismo quanto à capacidade de interpretarmos as ideias de outrem. Logo, “Não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente [...]” (SOARES, 2009, p. 20).

No que tange a essa perspectiva, destacamos a necessidade de ressignificação do estudo do texto literário nas escolas públicas do nosso país, pois, não é incomum nos depararmos com discentes desmotivados e com extremas dificuldades de leitura, derivadas de um ensino que apresenta muitas situações desfavoráveis o que tornam o aluno um não leitor, não se (re)descobrimo um agente de leitura. A esse respeito, Cosson (2014, p. 23), conclui:

[...] estamos adiante da falência do ensino da literatura. Seja em nome da ordem, da liberdade ou do prazer, o certo é que a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Em primeiro lugar porque falta um objetivo próprio de ensino. Os que se predem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudística (sic) do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura compartilhada.

Nesse contexto, não se pode culpar exclusivamente o docente do mal desempenho dos discentes em relação às práticas de leitura, pois, acima deles, há um sistema que implica em adotar um modelo conteudista que pouco traz relevância para a vida fora da escola. Ou seja, ressignificar o estudo do texto literário na escola acaba sendo um forte desafio para o professor. Primeiro, porque assume um papel de apresentar a humanização presente no texto que muitas vezes é ignorada, segundo, porque o docente trava uma batalha contra o sistema que lhe rege, já que objetiva proporcionar vivências mais significativas na vida de seus alunos.

Diante disso, optamos, trabalhar com o conto “Pixaim”, da autora Cristiane Sobral, porque entendemos o estudo do texto literário como uma possibilidade de desmistificar as questões sociais relacionadas a identidade do negro que ora é negada, ora apresentada de modo questionável. Portanto, “É útil pensar a educação literária como uma aprendizagem de percursos e itinerários de tipo e valor muito variáveis. A tarefa da escola é mostrar as portas de acesso. A decisão de atravessá-las e em que medida depende de cada indivíduo.” (COLOMER, 2007, p. 68).

Conforme essa reflexão, temos a função de apresentar a real história de nossa identidade, de relatar não o que querem que saibam de nós, mas de anunciar que o homem negro deve ser respeitado, assim como o branco, o pardo, entre outras raças. Na verdade, em pleno século XXI, é inadmissível que pessoas, ainda, sejam vítimas de preconceito, seja pela cor da sua pele, seja pelo gênero ou até mesmo pela sua condição socioeconômica.

Assim sendo, entender que a escola traz um respaldo significativo do que é a sociedade, uma questão acima de tudo política, permite aos professores compreenderem a necessidade de ampliar cada dia mais o conhecimento sobre as mais variadas perspectivas. Posteriormente, trabalhar com os escritos da autora Cristiane Sobral, corresponde, pois, a lutar contra o racismo, conscientizando os alunos sobre nossa cultura e permitindo-lhes terem o direito de se posicionarem de modo democrático e crítico-reflexivo.

À vista disso, Dalcastagnè (2008, p. 108) argumenta que “A literatura é um espaço privilegiado para tal manifestação, pela legitimidade social que ela ainda retém. Ao ingressarem nela, os grupos subalternos também estão exigindo o reconhecimento do valor de sua experiência na sociedade.” Mediante isso, a literatura propicia tomar conhecimento das utopias e barreiras existentes em nossa caminhada como agentes sociais. Além disso, o texto literário é considerado um mar infindável de possibilidades de interpretações e licenças poéticas, respaldadas pelas diferenças existentes ao longo do texto e capazes de traduzir o cotidiano e libertar as opressões das classes menos favorecidas.

***PIXAIM*: ANÁLISES E REFLEXÕES**

O antagonismo existente nas relações familiares inter-raciais tem se tornando pauta de discussão em narrativas que visam discutir/incluir estereótipos que, infelizmente, seguem, ainda, sendo alvos de estigmas que marginalizam elementos culturais, pessoais e de matrizes descendentes da ancestralidade africana. Um bom exemplo disso é o conto *Pixaim*, de Cristiane Sobral, que revela um olhar acerca de como os traços fenotípicos da estética do povo negro incomoda a sociedade.

Cristiane Sobral Corrêa Jesus é atriz, mestre em teatro, professora, apresentadora, empresária, ativista, escritora, arte-educadora e líder do grupo teatral “Cabeça Feita”. Ela acredita na literatura como sendo um contributo de reinvenção para a história única e para a (re)construção identitária negra. Escreve na intenção de que o ato de sua escrita seja uma das maneiras de interpretar e contribuir com a modificação da realidade contemporânea, assumindo um compromisso com a estética da linguagem escrita, provocando um universo de imagens e sensações no leitor.

Em uma entrevista concedida a Lima (2016, p. 395), Sobral expõe que seu objetivo consiste em “provocar a reflexão sobre a humanidade de negros e negras além dos estigmas, escrevo sobre sua subjetividade em minhas obras, quero contar nossas histórias, nossas memórias, destacar nosso legado na construção planetária. Logo, a escrita de Sobral pode ser

caracterizada como uma alternativa para o empoderamento da negritude, como uma maneira de difundir a quebra dos grilhões impostos pela sociedade, assim como um resgate do orgulho e da conscientização de que a diversidade étnico-racial representa a heterogeneidade e as marcas culturais do povo negro que continua tão marginalizado pelos seus trejeitos.

Vale ressaltar que o conto *Pixaim* foi publicado pela primeira vez no ano de 2001 na série *Cadernos Negros* e (re)organizado em 2016 na coletânea *Tapete Voador*. A narrativa retrata a história de uma menina negra do subúrbio carioca, descendente de uma família com mistura de raças. A personagem-protagonista nos é apresentada como sendo muito orgulhosa de suas características étnicas e da ancestralidade de seu povo que está demarcada pelas marcas de sua cultura presentes em seu cabelo “pixaim”.

A narrativa nos revela a vivência de uma criança negra num espaço quase que totalmente adverso às características culturais e históricas da negritude africana dentro da sociedade brasileira. Nessa tessitura, observamos que mediante à realidade exposta no texto o apagamento da identidade negra é bastante presente, pois ocorrem tentativas de branquear o processo de aceitação da identidade, uma vez que, perseguem a menina para que ela alise sua “carapaça”, seu cabelo cacheado, sua marca identitária para se tornar “bonita” como as outras crianças tidas como “padrão”, por serem brancas e com cabelos lisos.

A origem do preconceito com o cabelo não liso deriva do processo de colonização, ligado a escravização e as misturas de raças, já que os países europeus colonizaram o chamado “Novo Mundo” e instauraram a diligência escravocrata em suas colônias. Com a implantação forçada de mão de obra advinda da África - demarcado pelo povo negro e de biotipo diferente do dos europeus, como por exemplo, feições (lábios grossos, narizes achatados etc.), cabelos crespos, encaracolados/cacheados.

Contudo, o envolvimento sexual entre diferentes raças resultou na diversificação física dos descendentes dessa fusão. Mas, causou também a inquietação da superioridade branca que inferioriza, até tempos hodiernos, características como o cabelo cacheado, crespo, denotando para ele pejorativas como: “ruim”, “feio”, “bombril”, entre outros, situação presente no texto em análise.

No tocante ao enredo, a narrativa se passa no tempo cronológico relatando uma sucessão de fatos que mostram a construção identitária da mulher negra da periferia e o preconceito enfrentado diariamente. Ambientada, inicialmente, no “Rio de Janeiro. Qualquer dia da semana num tempo que passa morno, sem novidades. Num bairro distante no subúrbio da zona oeste, uma criança negra de dez anos e pequenos olhos castanho-escuros meio embaçados pelo horizonte sem perspectivas é acusada injustamente.” (SOBRAL, 2011, p. 22).

Todavia, seu desfecho ocorre “Quinze anos depois, em Brasília, no coração do planalto central, é segunda-feira, dia de começos.” (SOBRAL, 2011, p. 24).

No que tange à personagem principal, temos uma criança negra, filha de pai negro e mãe branca, tida como rebelde por aceitar suas peculiaridades, isto é, cabelo crespo, pele escura e autonomia identitária. Observamos que, a personagem possui personalidade marcante, no entanto sofre com a tortura de pentes alisantes e produtos químicos em seu cabelo, atitudes essas forçadas por sua mãe e por sua vizinha como retrata o trecho:

Minha mãe decidiu que o meu pixainho tinha que crescer e aparecer. Lembro do pente quente que se usava na época, para fazer o crespo ficar “bom”, e da marca do pente quente que tatuou meu ombro esquerdo, por resistir àquela imposta transformação. (SOBRAL, 2011, p. 22).

Essa atitude está muito presente na sociedade. Acerca disso, Hooks (2005, p.4), em seus estudos, ressalta que:

Conversando com grupos de mulheres em diversas cidades universitárias e com mulheres negras em nossas comunidades, parece haver um consenso geral sobre a nossa obsessão com o cabelo, que geralmente reflete lutas contínuas com a autoestima e a autorrealização. Falamos sobre o quanto as mulheres negras percebem seu cabelo como um inimigo, como um problema que devemos resolver, um território que deve ser conquistado.

Em consonância com esse pensamento, Sobral (2011) reitera o quanto as imposições sociais e estéticas estereotipadas deturpam o ideal de bonito, em uma imagem de diminuição pejorativa das características do cabelo e tom de pele e como isso interfere no modo como o negro(a) se vê e percebe seu lugar na sociedade, demarcado pelo olhar de julgamento que lhe inferioriza. Dessa forma, no texto literário, é enfatizado:

Eu cresci muito rapidamente, e para satisfazer aos padrões estéticos não podia mais usar o cabelo redondinho do jeito que eu mais gostava, pois era só lavar e ele ficava todo fofinho, parecendo algodão. Uma amiga negra que eu tinha costumava amarrar uma toalha na cabeça, e andar pela casa, fingindo que tinha cabelo liso e dizia que o sonho dela era ter nascido branca. (SOBRAL, 2011, p. 22).

A personagem-protagonista se apresenta de modo consciente acerca de suas diferenças em relação aos demais membros da sua família, reconhecendo que “sabia que não era igual às outras crianças. E que não podia ser tratada da mesma forma. Mas como dizer isso aos outros? Minha mãe me amava muito, é verdade, mas não percebia como lidar com as nossas diferenças.” (SOBRAL, 2011, p. 23) e ainda:

Os vizinhos ficaram felizes com a confirmação da profecia. Diziam que preto não prestava mesmo. Todo mundo se sentia no direito de me dar uns tapas, para me corrigir, para o meu bem. Eu era tudo de péssimo, ingrata, desgosto da mãe, má, bruxa. Meus irmãos também colaboravam me chamando de feia, bombril, macaca. Era o fim. [...]

Eu já não resistia e comecei a acreditar no que diziam. Todos os dias eram tristes e eu tinha a certeza de que apesar do cabelo circunstancialmente “bom”, eu jamais seria branca. Foi aí que eu tive uma inesperada luz. Minha mãe queria me embranquecer para que eu sobrevivesse a cruel discriminação de ser o tempo todo rejeitada por ser diferente. Percebi subitamente que ela jamais pensara na dificuldade de ter uma criança negra, mesmo tento casado com um homem negro, porque que ela e meu pai tiveram três filhos mestiços que não demonstravam a menor necessidade de serem negros. Eu era a ovelha mais negra, rebelde por excelência, a mais escura e a que tinha o cabelo “pior”. Às vezes eu acreditava mesmo que o meu nome verdadeiro era pixaim. (SOBRAL, 2011, p. 23-24).

Podemos observar que a construção identitária na narrativa perpassa por uma aceitação particular de suas características físicas, bem como retrata a influência que os comportamentos culturais da branquitude exercem sobre a conjuntura social e de ações estéticas acerca do que é considerado como bonito. Por meio da consciência de que é uma pessoa diferente, mas não inferior, ela não se deixa ser usurpada de suas matrizes, assim, resiste da forma que pode, luta para manter suas peculiaridades e se liberta do julgamento alheio acerca de sua identidade cultural, realizando assim uma distinção entre a inércia de aceitar o que lhe fora imposto e sua impetuosidade em defender seus desígnios.

UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO: AGUÇANDO UMA LEITURA MAIS AUTÔNOMA E MENOS REPRODUTORA

Para a realização dessa proposta de atividade, inicialmente fez-se um levantamento teórico, contemplando a perspectiva do letramento literário através do gênero textual/discursivo conto. Por conseguinte, selecionou-se o tema: “A construção identitária do negro”, que possibilitou o estudo acerca do conto *Pixaim*, a fim de despertar o senso crítico-reflexivo do alunado.

Plano de atividade:

Esse plano de atividade baseia-se na sequência básica defendida por Rildo Cosson na sua obra *Letramento Literário: Teoria e prática*. O autor propõe que essa sequência seja desenvolvida nas seguintes etapas: Motivação; Introdução; Leitura e Interpretação. Para tanto, nesta proposta, discutimos a importância de cada qual para o seu constructo. Vejamos as sugestões à cada etapa da nossa proposta:

Etapa 1: Motivação;

Neste primeiro momento, propomos que o/a professor/a antes de apresentar o texto literário e discutir sobre a temática objeto da atividade, isto é, “A construção identitária do

negro”, motive os discentes acerca do tema-gerador. Para isso, é interessante que seja selecionado um arquivo midiático que aborde sobre essa questão de identidade e autonomia do povo negro/afro-brasileiro. Sugere-se, assim, a reprodução de um vídeo do YouTube: Amor pelo cabelo – Hair Love, lançado em 2020 e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ClfAH79h4nc>. Esse curta-metragem aborda discussões pertinentes que auxiliarão no processo de entendimento do conto, já que apresenta uma intertextualidade multissemiótica semelhante ao texto literário.

Etapa 2: Introdução;

Para este segundo momento, propomos que sejam selecionadas pelo professor, palavras-chave que caracterizem a autora e as causas por ela defendidas em seus escritos, principalmente no texto a ser apresentado – *Pixaim*. Após isso, sugerimos que seja promovida uma atividade em grupos, por acreditarmos que atividades coletivas são importantes para se trabalhar com temáticas como essa, neste plano sugerido, por viabilizar o contato com visões que se complementam/refutam, possibilitando a transformação do sujeito-leitor, enquanto ser social. Pois “a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando.” (BRASIL, 2018, p. 499).

A quantidade de grupos será de acordo com o número de alunos e a critério do professor. Acreditamos que duas palavras-chave para cada grupo sejam suficientes, podendo, também, ser ampliada a depender da quantidade de componentes presentes em cada grupo.

Após essa ação, o professor deverá guardar as palavras-chave em uma caixa e solicitar que cada grupo de alunos retirem, em uma espécie de sorteio, duas palavras, logo após indagar este aluno, juntamente com seus pares sobre o que àquela palavra representa para eles, promovendo, assim, debates interessantes acerca do objetivo almejado. O docente deve fazer esse processo com todas as palavras selecionadas. Vale ressaltar a importância de o professor instigar a participação dos alunos, com a finalidade de que esta atividade não se torne “forçada”, mas alternativa.

Etapa 3: Leitura;

Neste terceiro momento, sugerimos que seja promovida em sala de aula, uma leitura coletiva do texto literário, *Pixaim*. Para tanto, é sugestivo que o professor disponibilize, em parceria com a escola, o texto impresso aos alunos, para que facilite a leitura. Com isso,



explicará a dinâmica da aula e solicitará que seja iniciada a leitura do conto. Logo após a leitura, é essencial que o professor instigue discussões acerca da interpretação dos alunos sobre o texto. Pode partir dos seguintes questionamentos: O que acharam da leitura? Já tinham lido esse conto? Falem um pouco sobre o que entenderam do texto? Qual (as) temática (s) esse texto aborda? Quem vocês acham que são as personagens principais, falem um pouco sobre elas? O que vocês entendem por racismo? Identidade e representação negra? Dentre outros questionamentos feitos pelos professores.

Neste viés, conforme Cosson (2014, p. 62):

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura.

Assim, as discussões devem ser mediadas pelos professores e, sempre que os alunos não saibam responder ou não queiram e, até mesmo, respondam de forma não apropriada, o professor deve “alinhar” as respostas, de modo democrático, haja vista que essas discussões devem promover um processo de criticidade, reflexão, autonomia e, principalmente, o reconhecimento e o respeito às diversidades culturais e étnicas da sociedade. Nesse sentido:

Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajudá-los a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde interação com o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da disponibilidade do aluno para realizar a atividade. (COSSON, p. 64, 2014).

Etapa 4: interpretação;

Esta quarta etapa é considerada como última, e defendida por Rildo Cosson como sendo uma das mais complexas da sequência básica, uma vez que:

No campo da literatura ou mesmo das ciências humanas, as questões sobre a interpretação e seus limites envolvem práticas e postulados tão numerosos quanto aparentemente impossíveis de serem conciliados, até porque toda reflexão sobre a literatura traz implícita ou explicitamente uma confissão do que seja uma interpretação ou de como se deve proceder para interpretar os textos literários. (COSSON, p. 64, 2014).

Ao mesmo modo que considera a complexidade dessa etapa, ressalta que o professor não pode ser intimidado, mas procurar formas de driblar as complicações e atingir o objetivo pretendido, para tanto, sugere que seja desenvolvida em dois momentos: interior e exterior. Quanto ao primeiro, o interior, “acompanha a decifração, palavra por palavra, página por

página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura” (COSSON, p. 65, 2014).

Nesse sentido, sugerimos que, aqui, seja promovida uma reescrita do texto literário por meio da produção de uma paródia musical que contemple a temática - A construção identitária do negro - e que sugira alternativas para comportamentos antirracistas. Para que, no segundo momento - o externo - possam utilizar dessa produção para externar e refletir, juntamente com a turma, sobre a sua produção.

O momento externo é defendido por Cosson (2014) como espaço coletivo, ou seja, os alunos compartilham as suas experiências pessoais sobre determinada leitura com os demais colegas, uma vez que no espaço escolar:

[...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma sociedade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, p. 66, 2014).

Assim, sugerimos que os alunos sejam motivados a compartilharem com seus pares a paródia musical proposta no primeiro momento, ou seja, o interno, bem como justificarem a escolha e suas implicações com o conto. Acreditamos que essa atividade possibilitará, além do compartilhamento de ideias, um momento de extrema importância para o desenvolvimento do letramento literário com implicações para além da escola, posto que:

O objetivo maior do letramento literário escolar ou do ensino da literatura na escola é nos formar como leitores, não como qualquer leitor ou um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive. (COSSON; SOUZA, 2021, p. 106).

Diante disso, percebemos a importância do letramento literário para o desenvolvimento de habilidades leitoras de nossos alunos, tão carentes no ensino-aprendizagem de leitura, escrita e interpretação. Por sua vez, é de extrema importância que os professores repensem a sistemática da apresentação do texto literário em sala de aula, posto que este precisa ser respeitado, ativando os conhecimentos prévios dos discentes e a diversidade presente nas salas de aula.

Cabe ressaltar que esta proposta pode ser adequada conforme as realidades e exigências de cada turma, haja vista a heterogeneidade de nossas salas de aula que estão envoltas à diversidade. Portanto, os professores devem sempre buscar os melhores meios para que o letramento literário seja desenvolvido de modo efetivo e significativo para o alunado.

Objetivamos nesta pesquisa discutir acerca da construção identitária do negro apresentada no conto *Pixaim*, de Cristiane Sobral (2011) a partir da perspectiva do letramento literário. Para tal, desenvolvemos discussões a respeito da temática pré-estabelecida, bem como a produção de um plano de atividade que tem como eixo central o letramento literário na escola.

Metodologicamente, o percurso por qual seguimos foi orientado pelo tema “*Pixaim, de Cristiane Sobral: despertando leitores e discutindo a construção identitária do negro*”. Desse modo, realizamos uma análise do conto ancorados em referenciais teóricos e, a partir da análise, constatamos que, apesar de desafiador, a escola deve desenvolver práticas que estimulem o crescimento de habilidades leitoras dos alunos, com a finalidade de se portarem nas mais diversas práticas sociais de forma democrática e respeitosa.

Todavia, enfatizamos a importância do letramento literário para a democratização das práticas de leitura do texto literário em âmbito educacional. Também, defendemos a importância da utilização de textos, como de Cristiane Sobral, aqui trabalhado, pois retratam uma política que visa banir a prática de discriminação racial na sociedade.

As tessituras vividas por muitos indivíduos negros, os processos de construção identitária, a conscientização contra o racismo e os perfis estéticos tidos como padrão (cabelo, olhos, cor de pele, religião, cultura e outros) são temas presentes nas obras da autora que carecem ser conhecidas/lidas pela sociedade, com urgência. Assim, ressaltamos a necessidade de a escola valorizar textos literários que evidenciem essas temáticas, visando contribuir com a formação de cidadãos menos reprodutores de atos preconceituosos e mais críticos-reflexivos.

A partir dessas discussões, afirmamos a necessidade de pesquisas e formações que contemplem o desenvolvimento de metodologias no trabalho com o texto literário na escola, almejando, assim, a ampliação de habilidades leitoras, bem como críticas e reflexivas dos discentes. Esperamos que esta proposta venha a contribuir com questionamentos existentes, assim como servir de fundamentação/provocação para outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC/SEF, 2018.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, R.; SOUZA, R. J. de. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. Repositório Institucional - Acervo Digital Unesp. 2021, p. 101-107. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 20 de out. 2021.

DALCASTAGNÈ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 87-110.

HOOKS, B. **Alisando o nosso cabelo**. Tradução de Lia Maria dos Santos. Geledés, [S.l.], 10 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

LIMA, D. M. S. Pertencimento negro e reflexões acerca do feminino na literatura de Cristiane Sobral. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 26, p. 392 - 397, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101262016392>>. Acesso em: 13 dez. 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOBRAL, C. **Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção**. Brasília: Editora Dulcina, 2011.